

# A SEMANA

PUBLICA-SE AOS SABBADOS

ANNO II.

RIO DE JANEIRO, 6 DE FEVEREIRO DE 1886

DIRECTOR E PROPRIETARIO—VALENTIM MAGALHÃES

VOL. II—N. 58.

REDACÇÃO E GERENCIA --- TRAVESSA DO OUVIDOR, N. 36, SOBRADO, ESQUINA DA RUA DO OUVIDOR

## SUMMARIO

Expediente.....	
Historia dos sete dias.....	FILINDAL.
A colcha de casamento.....	V. MAGALHÃES.
As duas dores.....	A. A. L. VIEIRA.
Industria nacional.....	F.
Contos a premio.....	
Velho thema.....	A. PARAISO.
Horas do bom tempo.....	L. DE MENDONÇA.
A vida elegante.....	LORGNON.
Poesia e poetas.....	A. DE SOUZA.
No trem de ferro.....	L. DE MENDONÇA.
Theatros.....	P. TALMA.
Factos e Noticias.....	
Recebemos.....	
Anuncios.....	

## EXPEDIENTE

### GERENTE

F. D'ALMEIDA

### SECRETARIO

ARTHUR MENDES

### ASSIGNATURAS

#### CÓRTE

Trimestre.....	2\$000
Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

#### PROVINCIAS

Semestre.....	4\$000
Anno.....	8\$000

Os senhores que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por todo o anno de 1886 terão direito a um dos seguintes premios, á sua escolha:

VINTE CONTOS, por VALENTIM MAGALHÃES.—Este livro, que se está imprimindo nas officinas d'A *Semana*, foi expressamente feito para ser distribuido como premio aos assignantes d'esta folha. Conterá mais de duzentas paginas em superior papel, com uma capa de fantasia.

NÃO SERÁ POSTO Á VENDA.

Assim, os que tomarem uma assignatura d'A *Semana* por um anno, e sómente esses, terão direito a um exemplar d'essa obra, que, a ser vendida não o seria por menos de 3\$000, o volume.

AURORAS, versos, por Alfredo de Souza; encadernação de luxo.

O HOLOCAUSTO, romance de Pedro Americo de Figueiredo.

MARGARITAS, poesias da distincta poetisa D. Adalina Amelia Lopes Vieira; um bello volume.

Aos senhores assignantes de seis mezes daremos como premio QUATRO POEMAS, por Luiz Murat, um exemplar das AURORAS, brochado, ou TYPOS EM PROSA E VERSO, de A. Lopes Cardoso.

V. B.— Os senhores que assignaram A *Semana* por um anno, a terminar em Dezembro de 1885, receberão, segundo promettémos, um exemplar dos VINTE CONTOS.

Leiam-se em outro lugar desta folha as «Vantagens dos assignantes d'A *Semana*.»

O Sr. Leonel Guerra é a unica pessoa por nós encarregada de agencia assignaturas nas provincias.

Tem todos os poderes para representar esta folha.

## HISTORIA DOS SETE DIAS

Principiarei a triste historia d'estes sete dias declarando penalizado até ás lagrymas que o meu figadal inimigo José do Egypto está prostrado no bem conhecido leito da dor, atacado de uma preguicite aguda complicada com uma terrivel malandrite muscular chronica. Aquelle demonio adoece de proposito para não escrever a *historia*.

Isto, que é uma felicidade para os leitores, é uma desgraça para mim: tenho que levar esta cruz ao calvario da oitava tira de almagão, pelo menos. Felizmente, resta-me a consolação de conhecer quem tenha ainda soffrido mais. Christo morreu para nos salvar. Eu, comquanto tenha muito desenvolvido os meus sentimentos altruistas, talvez não fosse capaz de fazer o mesmo... Mas tambem é preciso que fique entendido de uma vez para sempre que eu não sou o Christo.

Preambulada a historia, tenho o dever de me congratular com os meus co-municipes-neutros pela chuva que ante-hontem começou a cahir sobre a cidade e que, infelizmente, não espantou de todo o formidando calor que nos tem abrazado este anno. A Providencia resolveu afinal amerceiar-se de nós espontaneamente, visto que tem feito ou-

vidos de mercador ás reiteradas preces que os crentes lhe tem dirigido. Tambem, já era tempo de sylvar as batatas.

As hortaliças, que ainda ha pouco fizeram o seu fei, têm detinhado espantosamente. No meu quintal já não ha couves nem alface para os meus canários. Um horror!

A questão dos vinhos artificiaes continúa a agitar os *paizes*—nação e jornal. A redação do segundo descobrio em um manifesto da alfandega não sei quantos volumes de cavacos de madeira consignados a Fritz Mack & C., os Marie Brisard da rua do Passeio. Descubril-os e dizer que eram venenosos foi tudo como vel-a e amal-a—obra de um momento.

Os donos da droga alegam que aquillo é Faia, que entra na fabricação do vinagre. No meio de toda esta gritaria apenas os cavacos se têm conservado silenciosos. Veremos quem os apanha, se a nova Juncta de Hygiene se os Srs. Fritz Mack & C.

Mais um escandalo policial veio beliscar nesta semana a indignação dos chronistas. Foi o caso da prisão do preto Honorio, de Sepetiba, a requisição do seu *senhor* e que foi brutalmente espancado pelos agentes da ordem publica e depois remettido, amarrado amordacado, para a fazenda do *senhor*, apesar de haver quem depositasse na Policia até vinte contos para pleitear a liberdade do desgraçado. A comprehensão que a nossa policia tem da moralidade, do decoro e do respeito ás leis é espantosa. Ninguem dirá que aquillo é um pinho de bachareis em direito, e de homens de sentimentos elevados.

Muito tem que rir de nós a Hottentotia e a Cafraria!

O' Puder! empresta-nos o teu véu!

Agora é que estamos perdidos: a febre amarella já invadiu a Tijuca, o bairro salutar por excellência, a excellentissima Tijuca, o refugio dos inglezes do alto commercio! O mal foi exportado para lá entre os trapos que d'aqui vão para uma fabrica de papel. E' uma febre de trapos... *para inglez vér.*

Agora e pegar-lhe com um trapo quente.

O *Jornal* trouxe no dia 4 esta terrivel noticia:

« Ha dias appareceu no Engenho Novo um urso, que tem percorrido varias chacaras, onde tem comido algumas gallinhas e inutilizado plantas.

O Sr. Jorge Naylor, subdelegado do 2º districto d'aquella freguezia, teve conhecimento do facto e deu as providencias necessarias para a captura do animal.»

Um urso! No Engenho Novo!

Não se incomode em capturar nem em matar o bicho, Sr. Jorge Naylor. Aquelle urso era — o Castro. Não podia ser outro.

E' tambem do mesmo jornal esta noticia:

«Manoel de Oliveira, muito conhecido entre os ratoneiros pela alcunha de *Dente de Brillante*, tentou illudir ante-hontem um transeunte, na freguezia de Santo Antonio. Não conseguiu, porém a sua intenção, por ser muito conhecido.»

Quasi todos os dias os jornaes dão noticias semelhantes.

Ora estas noticias são fornecidas pela propria policia, como todos sabem.

Isto não se comprehende bem.

De quem é que o gatuno é muito conhecido? Da policia, naturalmente, que é quem o diz.

Mas se elle é muito conhecido, porque o deixam andar á solta?

Porque no caso contrario teriam que o sustentar. Mas ha uma objecção. Os gatunos não são dignos de consideração; desde que não ha meio effcaz de corrigil-os, e quando elles são conhecidos como o Sr. Manoel de Oliveira, a policia o que deve fazer é rotulal-os: uma placa de metal pregada nas costas, com o seguinte distico: *Gatuno conhecido*. Por esta maneira simples ficariam os relogios dos transeuntes a coberto da audacia dos Oliveiras e dos Pamplonas Cortes Reaes.

E' uma idéa. A policia se quizer que a aproveite. Somente lhe observaremos que as idéas nesta epoca não andam por ahí a rodo.

Veja-se o partido liberal, por exemplo. Nem sombra de idéa! Veja-se ainda o folhetinographo C. de L. Uma miseria de bigode e pera, oculos e *quinhentismo!*

Não lhes digo o costumado «até sabado», porque vou proenrar um meio de sacudir o José do Egypto. Se não achar outro, digo-lhe que foi nomeado membro do Instituto Historico.

FILINDAL.

## A COLCHA DE CASAMENTO

Não restava nenhuma esperança: dentro em pouco tempo a pobre senhora estaria morta.

Bem o sabiam todos; dissera-o o medico, respondendo a alguém que lhe pedia voltasse a vér a enferma.

— Para que?

Demais, a agonia começara...

Eu não disse, comtudo, a verdade, generalizando a triste certeza.

Das pessoas da familia havia uma que não tinha ainda perdido a esperança de ver salva a doente. Era Amelita, a sua filha mais nova, a *cassula*, como se diz familiarmente. Essa esperava ainda...O que? De quem? O milagre de ver a sua querida mãesinha restituída á vida, falando-lhe, sorrindo... De quem esperava esse milagre? De Deus, está visto.

Ao seu coração amantissimo—ninho de sonhos, de illusões e de affectos—parecia aquillo a cousa mais facil e mais natural... A Deus nada é impossivel, e sua *mamãe* era tão boa, tão sancta!...

Não, ella não estava perdida, o medico havia-se enganado...

Ora, têm-se visto tantos d'esses casos... E acudiam-lhe logo á memoria dois, tres, em que as sentenças molicas foram desmentidas totalmente pela natureza dos enfermos ou por outra força occulta.

Se ella até lhe estava achando havia algum tempo a physionomia mais serena, um ar de grandes melhóras...

Pobre criança! Que rude golpe se preparava ao teu coração de 15 annos, virgem ainda da dor como deto do mal!

Ver a esperança a sorrir nos olhos da menina, ver-lhe a cega confiança em ignoto poder, que forçosamente havia de vir disputar á morte aquella vida preciosa e idolatrada, era o que mais compungia; era isso, talvez mais do que a propria morte da velha, o que enchia de soluços e gritos a alcova, dentro em breve—mortuaria.

Amelita, ajoelhada á cabeceira do leito, enlaçava nos braços a cabeça escaveirada da moribunda e ia dizendo-lhe mil coisas consoladoras e dulcissimas, que ella já não podia ouvir, a misera!

Ponderando alguém que não convinha aquillo, que aquelles beijos, soluços e palavras deviam incomodar a doente, e (mais baixo—que Amelita não ouvisse!) não a deixariam morrer em paz, a menina respondeu, abraçando-a mais estreitamente, que não, que os seus beijos e as suas lagrimas haviam de auxiliar o milagre, que a vehemencia do seu amor venceria a molestia. E, no entanto, ella proseguia na sua marcha fatal, levando-a aos poucos, com pequenos empurrões successivos, aos braços da morte, que a esperava tranquillamente, com a paciencia do tigre que calcúla o bote mortal e senta-se pacientemente defronte da victima, á espera...

Tém certo momento, amoribunda, que até ali se havia conservado inerte, entrou a mover as mãos por sobre as roupas que a cobriam com gestos tremulos e vagos; primeiro, como se procurasse conhecer a fazenda da colcha, depois tentando tiral-a de sobre o corpo.

E' sabido que esse gesticular incoherente e mólle dos enfermos graves é indicio terrivel da aproximação da morte; por isso espalhou nos circumstantes um frio glacial, seguido logo de soluços e prantos suffocados, violentos.

Amelita, porém, que não desfitava o rosto da mãe, vio-a volver-lhe os olhos desvairados, engrandecidos, e nelles pareceu-lhe ler uma supplica instante e dolorosa, mas indefinida, incomprehensivel...

E o movimento das mãos continuava, mais afflictivo, mas sempre o mesmo; e o estertor pavoroso da agonia augmentava.

— Oh! meu Deus, que quererá ella?

perguntava-se a pobre menina, torcendo as frias mãos com desespero, enquanto que pelo rosto pallido, contrahido pela afflicção, cabiam-lhe as lagrimas aos pares.

Todos então comprehenderam que a velha pedia, supplicava o que quer que fosse, e que sem se lhe dar o que desejava mais penoso e demorado seria a passamento.

Amelita enchugou os olhos, fitou-lhos, concentrando sobre a mãe toda a sua attenção, buscando adivinhar-lhe o intimo pensamento nos olhos quasi sem luz, na bocca já sem voz e nos gestos afflictos e insensatos.

Comprehenleu que a mãe não queria aquella colcha; tirou-lh'a aos poucos, delicadamente: — no rosto cada-vérico vio lampear uma alegria fujaz.

Mas não era tudo; os olhos continuavam a supplicar, e as mãos erguidas, agitando os dedós em movimento de chamar, parecia pedirem outra coberta, talvez outra colcha. Foi o que entendeu a filha mais velha da infeliz viuva; mas esta, quando vio a nova colcha, repetio os gestos do começo, pedindo que lh'a tirassem. Tiraram-lh'a. Soffria horrivelmente; a impossibilidade de se fazer comprehender centuplicava as torturas da agonia... De repente, fez um supremo esforço: chamou com um leve movimento da cabeça a sua adorada *cassula* e regougou-lhe os ouvidos, com uma voz estranha, que parecia arrancada ao tumulo:

— A...outra...lá...do...casa...

A menina ergueu-se de um salto, com um grito, e correu para o quarto contiguo; ouviu-se o ruido de um gavetão abri-lo-se, e pouco depois Amelita entrou, trazendo nos braços uma pesada colcha vermelha de damasco lavrado.

Apenas vio-a, ineffavel contentamento espalhou-se nas feições decompostas da viuva; os olhos humeeceram-se-lhe, e nos beijos pergaminhaccos e brancos bosquejou-se um leve sorriso.

Amelita estendeu-lhe a colcha sobre o corpo.

A moribunda, então, ergueu o tronco e, levantando as mãos, alongou-as, no alto, por sobre a colcha, num gesto solenne e commoventissimo de bençãam...

E nessa attitudo expirou, com um profundo suspiro de alivio e de despedida.

Fora aquella a colcha que lhe adornára o leito nupcial. Quizera morrer envolvida na colcha de seu casamento como um general na sua bandeira.

Ella representava a sua mocidade e a sua velhice, o amor do homem de quem fora companheira trinta annos, os prazeres de noiva e as dores de mãe; ella era, em summa, o symbolo sagrado do casamento, invejalo na terra e abençoado no céu.

VALENTIM MAGALHÃES.

## As Duas Dores

(Drama em 1 acto, em verso, de François Coppée)

### EXCERPTO

Seria para elle essa feliz chimera?  
Mas o papel de esposa, a um tempo irmã austera  
e mãe, de anjo da guarda amante e velador,  
tinha-m'o reservado outr'ora com amor.  
Não sabeis o nome á triste desposada  
que elle tinha por vós deixado abandonada?  
Se este escrúpulo ess'alma um dia entristeceu,  
se pensastes que lá elle acharia um céu,  
devíeis ter, senhora, a sublime energia,  
vendo o pobre rapaz morrer de nostalgia,  
de dizer: Parte, vai, não voltes, sê feliz!

RENATA

Devia de o dizer? Quem sabe se o não quiz?  
Rides? Talvez julgueis que invento uma desculpa;  
mas não posso soffrer que ponham tanta culpa,  
que façam tão cobarde o meu immenso amor!  
Sabereis o que fiz. Uma noite de horror  
elle soffria mais... (não me sae da memoria  
o seu tão triste olhar! a pallidez marmorea...)  
trouxeram-lhe uma carta; em viva commoção  
leu-a, falava em vos, falava de perdão,  
e que, julgando já completo o rompimento,  
supportaveis, sorrindo, o amargo soffrimento,  
com a resignação que tem no doce olhar  
do marinheiro a viúva ao contemplar o mar.  
Dá-me essa carta, sim? disse eu, ardendo em zelo;  
elle estendeu-m'a, e eu vi do seu olhar tão bello  
a limpidez divina o pranto perturbar  
Foi a ultima vez, meu Deus, que o vi chorar!  
Compreendi, bradei: — E' tempo ainda hoje;  
esquece-me... és amado... ai, sem demora, foge,  
espera-te a saúde, o descanso, o amor!...  
O pranto, em seu olhar tinha-o seccado a dor;  
para elle a illusão morrera dia a dia,  
roçou-lhe o labio, o olhar mais languido ficou,  
e respondeu: — Não posso, é tarde já, não vou;  
obrigado. Isto em tom que não pode exprimir-se...  
Foi a ultima vez, meu Deus, que o vi sorrir-se! —  
Que vejo eu? Ha pranto em vosso olhar também?  
Que tendes vós, senhora?

BERTHA

Este chorar faz bem.

(Bruscamente e com grande emoção)

Levae o cofre e não temas nenhum vexame;  
Esquecei, perdoae uma ameaça infame...  
Eu deshonrar-vos, eu fazer-vos algum mal!  
não, soubestes amal-o e fostes-lhe leal.  
Na verdade fui louca e cruel um momento!  
Vos o amaveis, soffri com este pensamento.  
De tudo quanto disse oh não vos assusteis,  
vos o amaveis, soffri... os zelos... bem sabeis.  
Sinto que o vosso amor era sincero, terno!  
Perdoae-me se eu tive um instante de inferno  
que me fez tresloucar com o ciúme atroz!  
Para que elle perdôe, oh! perdoae-me vós.  
Pois que?! nossa razão a tal ponto dormia  
que, sendo irmãos na dor, tal dor nos desuniu?  
Se o soubestes amar até á abnegação,  
serrae ao fel da injuria o vosso coração.  
Vamos pensar, lançando as vistas ao passado,  
em quem sem orações morreu, christão culpado!  
e por elle á Clemencia eterna, offerecer  
vos — o arrependimento, e eu — este soffrer.  
Por orgulho peccou: vamos orar por elle.  
Talvez agora mesmo o vosso olhar revele  
a estranheza que causa a piedade bretã;  
no entanto orar por elle é pensar nelle, irmã.  
Se nos liga do pranto um fraternal amplexo —  
é mellhor que chorar, obter-lhe o eterno ingresso.  
Assim como quem morre é exposto ao limiar,  
com duas tochas só, seu corpo a alumiãr,  
nossas dores irão, sobre a campã espargidas,  
— levar para o Céu as almas confundidas,  
e, como as pombas vão rasgando o azul dos Ceus,  
nossa dupla oração irá subindo a Deus.

RENATA

Assim, vós desejaes, ... vós, de um passado illezo...

BERTHA

A vossa mão.

RENATA

Oh! não, ainda me desprezo  
porque não disse tudo; ouvi-me attenta, sim,  
a miíha punição ha de chegar ao fim.  
Tudo o que eu calaria á rival despiedosa  
devo contar a quem me salva, affectuosa.  
Por vós, será bem grato o meu arrepender.  
Do mesmo modo atroz que se expõe a morrer  
quem arranca o punhal que em dores o tortura,  
eu aqui, ante vós, p'ra que fiqueis segura  
que me quero punir com o maximo rigor,  
vou do peito arrancar este immenso amargor.  
— Vamos, erguei-vos, cia, o pobre alma opprimida,  
pois que por elle, ai Deus! não fui a mais querida.  
Aquelle a quem amei, aquelle que morren,  
mesmo quando o beijava, oh não vos esqueceu!  
Sim, sim, vós fostes sempre o seu e o meu tormento;  
porque o antigo amor não cessára um momento  
e as saudades que tinha e que odiei em vão,  
elle amava-as assim como um canto bretão.  
Supportou meu amor por piedade sómente,  
mas nunca dominei seu coração doente;  
antes sempre senti, mais intenso, crescer  
o nostalgico amor que o fez talvez, morrer.

BERTHA

Que nos importa a flor por elle mais amada,  
o lyrio branco e puro, ou a rosa encarnada,  
se nos deixou por ter aspirado de mais,  
na ebriedade do amor, seus perfumes lehaes?  
Vossas lagrimas são, como as minhas, legitimas.  
Guardemos a doçura angelica de victimas  
ativas por ter sido o oasis sideral  
do seu enganador, prismatico ideal.  
E' que o poeta, irmã, exilado na vida,  
tem a sede do amor, incessante, insoffrida!  
Martyr delicioso, é-lhe preciso amar,  
do primeiro vagido ao derradeiro olhar.  
A immensidade o attrae, o infinito o algema;  
o desde que alcançou ou mulher ou poema,  
o sonho, pelo qual luctou, vê desmaiar  
qual borboleta audaz que a chamma quiz beijar.  
E soffre até que morre, e nós somos as lyras  
que a sua mão quebrou, nessas divinas iras,  
e em nossas cordas d'ouro ouvimos a chorar  
harmoniosa e doce, a sua alma vibrar.

RENATA

Screis até ao fim generosa. Obrigada.  
Talvez possaes partir já menos desgraçada,  
mesmo um tanto feliz, por ter vindo saber  
que elle guardou de vós, (era talvez dever)  
uma saudade, igual áquella que um herege  
tem da prece de amor que a innocencia protege,  
e que elle enviava ao Céu no aconchegado lar  
sobre os joelhos do pae. Eu, só devo olvidar...  
Matar-me-á lentamente o soffrimento occulto;  
hei-de corar da estima, hei-de corar do culto  
de que me rodearão, ó ironia! os meus.  
E' preciso aprender a não corar, meu Deus!  
e do meu desespero a dominar o açoite,  
para o pranto esperando o silencio da noite.  
Agora... adeus!... Eu sinto... eu prevejo, talvez,  
que falo d'elle assim, a derradeira vez.  
Ideis partir. Ao longe o vosso pensamento  
tomará sem esforço o habito um momento  
interrompido: haveis de orar por quem morreu,  
e quem sabe? talvez por quem vos offendeu,  
mas cujo ardente amor, ao vosso semelhante,  
poude obter perdão. Ouvi mais um instante.  
Cumpriria melhor o meu fatal dever  
se pudesse alcançar o tornar-vos a ver.  
Depois... eu voltarei á dor amargurada,  
anceiando esquecer, mas em vão, desgraçada!  
o quanto elle foi bello, e nobre e bom amigo.  
Então? Quando?

BERTHA

Amaldiã e sobre o seu jazigo.

ADELINA A. LOPES VIEIRA.

## INDUSTRIA NACIONAL

A grande fabrica de moveis dos Srs. Moreira, Carvalho & C. abriu-se no dia 2 a enorme numero de convidados. Celebrava-se a grande festa annual d'aquelle importante estabelecimento e estava preparado um banquete de 300 talheres.

A antiga e acreditada casa Moreira Santos tem hoje completas as officinas necessarias para o fabrico dos moveis mais aperfeçoados e mais modernos, e os seus artefactos podem competir com os melhores que se fazem na velha Europa. Officinas de marcenaria, de empilhão, de pintura, de ferreiro, de torneiro, de obras de marmore e de mosaico etc., etc., attestam a intelligencia, a actividade e o criterio com que é dirigido o estabelecimento. Cerca de duzentos e cincoenta operarios encontram ali trabalho constante e bem remunerado.

A fabrica possui osapparelhos e maquinismos mais aperfeçoados, todos movidos a vapor, e alguns fabricados na propria casa, de invenção dos proprios operarios, como uma simples e engenhosa maquina de recortar madeira para marchetão e embutidos, inventada pelo operario Francisco Suscasaus. As officinas são todas dirigidas pelo socio Bernardo de Carvalho, um artista de grande merito, a quem a fabrica deve principalmente o seu extraordinario adeantamento e progresso sempre crescente, para o qual muito tambem concorreu o Sr. Manoel Diego Santos, o conhecido industrial que ha quatro annos organisou a nossa primeira exposiçãõ de Industria Nacional.

O banquete, no qual tomaram parte todos os empregados da fabrica, foi servido no salão principal, em seis mesas de 50 talheres. Havia muitas senhoras entre os convidados e toda a imprensa se fez representar. A festa começou por um bello *hymno do trabalho* cantado por um grupo de operarios acompanhados pela excellente banda de musica do corpo policial de Nietheroy; em seguida o Sr. João Elias da Cunha, mestre da mesma banda, offereceu aos Srs. Moreira, Carvalho & C. um *hymno-marcha* de sua composiçãõ que foi tocado pela banda e ruidosamente applaudido. O Sr. Carvalho cedeu a presidencia da festa ao Sr. Quintino Bocayuva, que proferio uma brilhante allocuçãõ relativa ao acto. Oraram varias pessoas; depois o operario Francisco Maria Calvosa leu um discurso impresso, que foi em seguida distribuido pelas pessoas presentes.

Trocaram-se muitos brindes, entre os quaes o do Dr. Campos da Paz aos operarios, do Sr. Baldomero Fuentes à nação brasileira, do Dr. Ramos de Queiroz ao Sr. Bocayuva, do Sr. B. de Carvalho ao mesmo: a imprensa, de Filinto d'Almeida, representante desta folha, às familias dos operarios presentes, do Sr. Lemos Braga, estimavel e intelligente guarda-livros da fabrica, aos operarios etc., etc.

Foi deslumbrante esta grande festa do trabalho, que sempre deixa nos corações dos assistentes uma profunda e grata commoçãõ.

Felicitemos aos Srs. Moreira, Carvalho & C. e agradecemos-lhes o amavel convite que nos dirigiram.

F.

Todos os homens em Inglaterra tem o mesmo cheiro, que é composto de sabão windsor, tabaco maryland, agna de Colonia e carvão.

EÇA DE QUEIROZ.

## CONTOS A PREMIO

(Vide n. 47 d'a Semana)

Por enquanto sobem apenas ao numero de 11 os contos recebidos para o concurso.

Lembramos aos senhores que ainda pretendam concorrer que o prazo para recebimento dos contos encerrar-se-á improrogavelmente no dia 11 d'este mez.

Além dos já annunciados, recebemos os dos Srs: — José de Souza Teixeira Filho, Tranquilino Velloso e Susano Platino.

## VELHO THEMA

Eu fui pedir ao mar que desse abrigo  
Ao meu immenso e immaculado amor  
No fundo do seu seio honesto e amigo.

Eu velho e gigantesco lutador,  
Erguendo aos céus o seu olhar, commigo  
Espremeceu e soluçou de dor.

No azul sereno e luminoso, então  
Surgiu a luz abençoada e calma,  
E o seu doce clarão  
Mostrou-me o oceano da tua alma...

— 86 — Porto

ALBERTINA PARIZO

## HORAS DO BOM TEMPO

(A Valentim Magalhães)

VI

TRES TYPÕES

(Continuado do n. 56)

Raro terá encontrado o genio popular tão vivo pictoresco, tão espelhante alcunha, como o de *padre Bacalhão*.

Photographa o individuo, desde as pontas—dos proprios pés, pois não as tinham os sapatos cambados—até o alto da cabeça calva, que se ajanellava entre as paredes do chapéo sem fundo.

D'uma sordidez suina, d'alma e corpo, sujo e vicioso, com farrapos pelos hombros e andrajos de latim escolastico pelo meio do discurso, pequenino, magro, acalcanhado, tinha a desfaçatez necessaria para ser, na cidade academica, um typo ouvido e chamado, em vez de ser um mendigo commum.

Dizem que um dia appresentou-se ao bispo de S. Paulo, que já era o Sr. D. Lino; ia cabisbaixo e compungido, como se sentisse a acaçapal-o todo o peso do seu armazem de peccados.

D. Lino já conhecia—desde o dia da chegada, sem duvida—o triste padre suspenso d'ordens que se convertêra naquella caricatura de Gavarni. Recebeu-o com bondade, mas, como as cir-

cumstancias pediam, sem descerrar de todo os sobrolhos.

— Então, que pretende de mim o seu senhor?

— Eu, meu senhor, queria voltar ao seio da Igreja...

— E sabe quanto arrependimento precisa para ser ainda recebido?

— Sei, senhor, e trago todo o arrependimento que é possível haver em uma creatura *Panitet me peccati*.

— Pois bem! *miseret me tui*, respondeu-lhe, quasi risouho, o principe da Igreja, que houve por bem mostrar-se não menos lembrado do Novo Methodo. Agora, ha um preliminar indispensavel, a que tem de subjeitar-se: precisa recolher-se, em retiro espiritual, a algum dos conventos d'esta cidade. Deixo-lhe livre a escolha. Vá, e, quando tiver escolhido, volte cá, para eu providenciar definitivamente.

O padre Bacalhão pediu-lhe então algum dinheiro, para manter-se com decencia enquanto não voltava ao palacio.

Deu-lhe o bispo, com uma boa esmola, a sua bengam, e sahio-se d'ali o typo, a muito sério até á escada e depois, na rua, lépido e saltitante como um peixe que volta para dentro d'agua.

Esgotado o cobre episcopal, lá se appresentou de novo o homem ao bispo da diocese.

— A minha escolha está feita.

— Então, que convento prefere?

— O de Santa Thereza.

Era, como já se vê, um convento de freiras.

A fôrça, e depois de tão longa e cara encenaçãõ, pareceu de pessimo gosto ao principe da Igreja paulistana, o qual, sem mais, voltou as costas ao garoto.

Era d'esta fôrça o padre Bacalhão.

Mas dos tres typões de rua a que se consagra este rapido estudo, o mais original era, com certeza, o Domingos Cae-cae,

Seu Domingos Cae-cae  
Pa-rra ran,

como se dizia num estribillo celebre entre os estudantes do tempo.

Nunca se viu homem que possuísse em mais alto gráu a devoçãõ da cortezia, o culto da polidez, a preoccupaçãõ das boas maneiras.

Era, de profissãõ, andador da irmandade da Misericordia. O seu pedido a cada porta não variava d'esta formula, nem que viesse o céo abaixo:

— Senhor, ou senhora d'esta casa, pede-se uma esmolinha para a Sancta Casa da Misericordia, se puder ser.

Ainda tenho nos ouvidos a toada monotonica, arrastada, de uma pronunciaçãõ accentuadamente portugueza, com que era feito, á porta da republica, todas as semanas, o invariabilissimo pedido.

Tão invariavel que quando se ouvia a conhecida voz do Cae-cae proferir:

— Senhor.  
já, de dentro, accrescentavamos em coro:

— ... ou senhora desta casa, pede-se uma esmolinha pará a Santa Casa da Misericórdia, se puder ser.

E então elle, de lá, sem alterar-se, confirmava:

— E' verdade, meus senhores.

Se se lhe recusava o obulo, o que, valha a verdade, succedia quasi sempre quando não estava presente o meu collega Jacyntho, que nunca negou esmola, fosse para o que fosse, o Sr. Domingos applicava est'outra formula sacramental:

— Está bem, meus senhores, será para outra vez.

Esta regularidade chronometrica de phrases chegou a exasperar-me.— Ora deixa-te estar, meu typo, disse com os botões da minha camisola de andar por casa, deixa-te estar, que eu te estrago o formulario!

E da primeira vez que o Domingos começou a sua cantiga: *Senhor, ou senhora desta casa...*, surgiu-lhe inopinado, em ceroulas, com ares de entranhada indiluação:

— Olá, seu patife! então que pensa você da seriedade d'esta casa? Sabe que é uma republica de estudantes e sahe-se ainda com esse desaforo de— senhor, ou senhora d'esta casa! Então que pensa de nós, grandissimo atrevido?

— Não foi por atrevido, meu senhor, foi...

— Foi por burro, então! *Senhora d'esta casa!* Cachorro!... canalha!... rato de egreja!... salteador de opa!...

A esta avalanche de invectivas furibundas, o Domingos abaixou a cabeça e respondeu com uma mansidão de metter inveja ao proprio Job:

— Não ouvi, meu senhor.

E ia retirar-se, fazendo-me ainda uma grave zumbaia, quando desembocaram no corredor os compauheiros de casa, já a postos, para reforçar a descompostura.

Esgotámos sobre a cabeça do pobre diabo todo o vocabulario da injúria desbragada; elle ia recuando para a rua, sem voltar-se, para não commetter a incivildade de nos dar as costas, e nós o iamós acossando com a grazinada infernal. Tal era a coisa que a vizinhança, tendo acudido ás janellas, teve de retirar-se espavorida ante a excessiva frescura dos vocabulos. O Domingos Caecae, correcto e heroico, lá continuava a recuar, na rua, para a calçada fronteira, sempre de frente para o nosso grupo.

Final, esgotada a veia da descompostura, o grave andador levantou solennemente a dextra, e, apontando para os lados da Gloria, arrabalde onde ficava o pio instituto, arremessou-nos, como quem dançasse uma bomba mortifera, esta phrase:

— A Sancta Casa lá os espera, meus senhores!

E retirou-se, com uma sahida theatral.

Foi a unica vez, em toda a sua vida, que discrepou do formulario!

Valença, 1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

## A VIDA ELEGANTE

Realisou no sabbado o Club do Engenho Velho a sua primeira *soirée* do corrente anno, com tolo aquelle esplendor do costume e trazendo aos seus salões as mais *chics* representantes do bello sexo fluminense.

As leitoras, se lá não estiveram nessa noite, podem torcer as orelhas de arrependimento e preprar-se para a proxima partida.

Que magnifico concerto, que bons momentos nos proporcionou o Club do Engenho Velho, além de nos deslumbrar com a pompa de seus salões e de nos fazer dançar algumas das melhores walsas e polkas! Ora veja você, leitor:

A Exm. Sra. D. Celsina Rolin cantou as arias *Delirio del Cuor*, de Papini; e as do *Roberto do Diabo* de Meyerbeer; o Sr. V. Cernicchiaro executou no violino *Le Streghe* de Paganini; o Sr. Rossi cantou dois trechos para *basso* (sem calimburgo). *L'exule*, de Gurjão, e *Jesus Nazareth*, de Gounod; a Exma. Sra. D. Violante Quintal fez-se ouvir numa paraphrase de concerto Liszt, sobre a opera *Rigoletto*, e a Exma. Sra. D. Amelia Mesquita na *Sonata* de Beethoven.

Os executantes tiveram entusiasmicos e merecidos applausos.

Mais uma vez receba o Club do Engenho Velho, na sua digna directoria, felicitações d' *A Semana*, que lhe agra lece o convite.

LORGNON.

## PÔESIA E POETAS

Sob o titulo *Canções da Aurora* chegamos de Ouro Preto um pequeno volume de versos do Sr. Francisco Lins. Prefaciou-o o conhecido escriptor Randolpho Fabrino.

Publicar versos nesta epoca em que ha o maior culto pela forma e a mais profunda sympathia pelo ideal; em que o amor do bello toca ao delirio, vae á allucinação; é verdadeiramente uma temeridade, um arrojão.

Uma estréa é hoje em dia um perigo. Muitos têm sido os candidatos ao Parnaso. Poucos têm conseguido um logar. A poesia de hoje é uma aristocrata, uma princeza do oriente. Vive e veste-se como Cleopara, e so percorre na sua trireme de ouro e pedrarias, o lago deliciosamente azul do ideal, envolvido pela trama finissima e transparente de um luar estranho e mysterioso como o coração humano. Muitos julgam-na pequena e amesquinhada porque ella vac tanger, para cantar um sapato velho, a custossissima lyra de François Coppe, arrancando notas etheas de encanto e de uma suavidade consoladora. Outros julgam-na loureira por que a encontram nos braços da Imperia recebendo os beijos de D. Juan. Alguns, menos exigentes, acceitam-na como uma miseravel que para viver jha de

bater ás portas da sciencia pedindo o pão da verdade.

Todos a calunniam; poucos a comprehendem.

Os românticos não supportam e seus filhos dilectos — os parnasianos, — por que não os entendem.

Coitados! pensam que a alma do verso é só o sentimento e a lagrima, e não falam, porque não ouvem, com, certeza da musica da rima, da harmonia do metro, da variação das vogaes, da escolha dos vocabulos, de tudo enfim que seria longo dizer e que, dando ao verso som, forma, movimento, cor, vida real, mais que humana, crea essa cousa ineffavel e sublime que se chama — Poesia.

Estas palavras foram-nos suggeridas pela leitura que fizemos das *Canções da Aurora*.

O Sr. Francisco Lins é um principiante. As suas canções, comquanto não sejam joias de subido valor, são dignas de apreço, pois o seu auctor deixa-nos ver nos seus versos vocação decidida para a arte.

Não lhe falta inspiração nem veia.

As *Canções da Aurora* têm defeitos como tolo livro de estréa; defeitos estes que o Sr. Francisco Lins mais tarde reconhecerá.

Os trabalhos que mais nos agradaram são os que se intitulam — *Judeu Errante*, *Defronte da estante* e *Ella*.

Da poesia *Tempestade* desagradou-nos, entre outras cousas, esta quadrinha:

Soára no longo espaço  
A voz do louco trovão.  
Voára fero estilhaço  
Na planície, sobre o chão

Chamar o trovão — louco e ao estilhaço *féro*... é uma impropriedade de mão gosto.

O Sr. Lins deve fugir d'estas cousas como foge do verso errado. Seja correcto na idéa como o é na forma.

Terminando, esperamos que o auctor das *Canções da Aurora* trabalhe e estude e venha aliar-se como deve ao grupo que mais brillantemente representa a litteratura no nosso paiz.

ALFREDO DE SOUZA.

## NO TREM DE FERRO

A FILINTO DE ALMEIDA

Vinha sentido gravemente, mudo,  
D'olhos baixos, ob-so e venerando,  
Mãos cruzadas no ventre, ruminando  
Velhas rezas ou sancto e duro estudo.

Ergue o olhar, taciturnoolhar, comtudo  
E' paternal e bon; de quando em quando  
A' ceu o volve, ao céu que vae passando  
Pelis vidraças, empoeirado. Tu lo

Nelle respira a fé e cheira a egreja.  
Partidos os seus póros Deus prejeja.  
Do seu breviario agora pasta as folhas.

Pio varão! para este já começa  
O reino do Senhor... mas sae á pressa  
E cabe-lhe da batina — um saca-rolhas.

1886.

LUCIO DE MENDONÇA.

Este soneto foi publicado no supplemento litterario da *Gazeta de Noticias*; como, porém, um dos versos appareceu incorrecto, reproduzimos-o hoje, satisfazendo pedido do seu auctor.

V. da R.

## THEATROS

## O CABOCLLO

Vae entrar em ensaios no Sant'Anna, para beneficio do Vasques. *O Caboclo*, drama em 3 actos, original de Aluizio Azevedo e Emilio Rouéde. Tivemos o prazer de assistir á leitura d'*O Caboclo*, feita pelo Vasques e vamos adeantar as impressões que nos deixou.

E' uma peça sobretudo — forte.

Tem grandes qualidades: além da força, sobriedade, muito sentimento dramático e grande simplicidade.

O entredo é singelo e natural, desenvolvendo-se com verosimilhança e lógica; dal-o-eimos em um dos proximos numeros.

A peça pertence ao numero d'essas escriptas especialmente para fazer realçar o talento de um artista, e por isso — pode-se dizer que verdadeiramente só tem um papel: o do *Caboclo*, que tem de ser interpretado pelo Vasques.

Nelle encontrará o nosso grande artista largas ensanchas para patentear e expandir o seu vigoroso talento e os seus preciosos recursos artisticos; pois que tem dois abundantes veios — a explorar — a comedia e o drama, ou melhor: a farça e a tragedia.

Typo bonacheirão, ingenuo, profundamente bondoso e crédulo, alegre e brincalhão como quantos possuem essas qualidades é o *Caboclo* dotado de temperamento impetuoso, tendo da hora o mais elevado e escriptuloso culto e capaz, para laval-a de uma affronta, dos mais lamentaveis excessos.

Imagine-se um homem d'estes sabendo se enganado, tendo a prova visual e auricular do crime da esposa e poder-se-á imaginar o partido que de tal personagem, em tal situação, tiraram os auctores, no drama, e que partido ha de tirar na scena um talento complexo, lucido e potente como o do artista Vasques.

Agradou-nos extremamente a nova peça dos auctores dos *Veunos que curam* porque reúne á originalidade e á grandeza simples da concepção, a naturalidade, a sobriedade e a força na execução.

Teremos ainda de nos occupar com o *Caboclo*, antes que se represente; o que faremos com summo prazer.

## O BILONTRA

Representou-se no dia 29 do passado, e tem continuado a representar-se com muito exito, *O Bilontra*, revista de 1885, dos distinctos escriptores Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, dois mocos já amestrados e applaudidos neste difficil genero de trabalhos.

*O Bilontra* é uma peça bem feita, muito espectacular, como convem que sejam as revistas, e onde se apresentam bem ligados e concatenados nas malhas de um enredo simples, e de alguma maneira logicamente desenvolvida, todos os acontecimentos do anno passado. Os commentarios feitos pelos auctores aos factos occorridos durante o anno são em geral leves, predominando antes a critica do que a satyra no lo de ver que não sabemos se será o mais efficiente mas que é com certeza o menos perigoso. Mais um pouco de audacia não prejudicaria a peça, parece-nos, e estaria em muitos casos de accordo com a justiça. Isto, porém, não constitue um defeito, senão uma divergencia do nosso ponto de vista critico.

As scenas são em geral muito animadas e os quadros tem muitissimo movimento. Ha factos apañados e reproduzidos com felicidade notavel e com-

mentados com muito espirito. O quadro dos theatros, por exemplo, é completo, e parece-nos o melhor da peça; foram aproveitados brilhantemente todos os ocontecimentos theatraes do anno e as personalisações dos diversos generos tem muita propriedade e muita graça. E' de um bonito effeito comico o duetto da *Gicconda* applicado á briga da Opera com a Opereta.

A musica é em geral bem escolhida e ha trechos originaes do maestro Gomes Cardim que muito honram o seu auctor. Exceptuaremos d'este numero o *jongo* dos sexagenarios, encaixado a martello na revista, como muito bem diz o Sr. Joaquim Nunes.

Alguns scenarios são de grande effeito, como o que representa o salão do theatro S. Pedro em noite de espectáculo, o que representa o terraco do mesmo theatro, ambos do Sr. Coliva, e o que representa o salão do palacio do Jogo, que é muito bem imaginado e teve uma execução primorosa; o Sr. Frederico de Barros tambem reproduzio fielmente o Derby-Club e as barraquinhas do Campo da Aclamação.

A peça está montada com bom gosto e tem uma boa *mise-en-scene* de Adolpho de Faria.

O desempenho dos principaes papeis foi confiado a Rosa Villiot, Colás, Martins e Gama, que, se nada fizeram de notavel, tambem em nada os comprometteram; é, comtudo, digna de menção a entrada da princeza Jogatina (Villiot) no palacio do Jogo.

Peixoto encarrogou-se de seis ou oito papeis pequenos e conseguiu sem esforço representar alguns notavelmente. A caracterisação de Joaquim Nunes e do esqueleto são de uma grande felicidade.

Herminia tambem teve varios papeis pequenos, entre os quaes o de *Semana*, representando todos com habilidade e graça. Germano e Santos Silva tambem fizeram bem alguns personagens.

Muito elegantes e de bom gosto os vestuarios, figurinos de Aluizio Azevedo.

Resta-nos agradecer aos amaveis auctores a bonita parte que fizeram á *Semana* representar no movimento jornalístico do anno.

Comprimntamos cordialmente Arthur Azevedo e Moreira Sampaio, auctores, e o Braga Junior, empresario, desejando que *O Bilontra* continue na carreira prospera em que vae.

## PRINCEPE IMPERIAL

A empreza d'este theatro deu-nos sabido passado mais uma *reprise* da popularissima e sempre applaudida opereta de Suppé — *D. Juanita*.

Não foi máu o numero de espectadores; cousa que nos admirou verdadeiramente, pois nesta noite o Sant'Anna com a sua *Mulher-Homen* e o Lucinda rom *O Bilontra* seduziam a *tout le monde*.

O desempenho por parte das actrices Mauzoni (*D. Juanita*), Oudin (*Pedrita*), e dos actores Machado (*Alcáide*), Peixoto (*Coronel Inglez*), Correia (*Estabancillo*) e Moulin (*Gastão*), agradou muito e a todos, a julgar pelos geraes applausos.

Couberam as honras da noite á actriz Pepa, que se apresentava pela primeira vez no papel de *Olympia*.

Pepa exhibio talento, voz, graça, meiguice, docilidade; emfim todos os seus recursos de distincta actriz, para o bom desempenho e realce do seu papel. Deu-nos uma *Olympia* leve como um floco, tentadora como um balero e capaz de *fazer uma revolution*.

Nos os parabens.

Os nossos collegas Valentim Magalhães e Filinto d'Almeida vão escrever para o Sant'Anna uma comedia de costumes nacionaes, em 3 actos, ornada de musica, que será composta por Henrique de Magalhães.

Como estava annunciado, realisou-se no dia 4 a recita dos auctores da *Mulher-Homen*.

O theatro estava todo enfeitado e embandeirado e os auctores foram chamados á scena varias vezes e muito applaudidos.

Depois de bisado o *jongo* dos pretos, bella composição original de Henrique de Magalhães, foi este chamado á scena, em meio do acto, e ruidosamente victoriado pelo publico.

A empreza do Recreio, enquanto não nos dá a *Nossa Senhora de Paris*, que deve ser uma *great attraction*, tem levado á scena *O Conde de Monte Christo* e *As Visinhas*.

No Sant'Anna continúa a *Mulher-Homen* a dar boas casas. Podéra! se alem de todos os pezares o Vasques faz diabruras e o Diogenes não deixa de morrer de amores pela mulatinha do ca-roço...

O *homem da mascara negra* (Horror!) *D. Iquez de Castro* (Uff!) *Recrutamento na aldeia* (Ui!) e *O fogo do céu* (Ai!) têm apparecido e reaparecido no palco da Phenix Dramatica com verdadeiro successo para os seus admiradores, na maior parte, amigos do que é bom e... barato.

A empreza do Principe Imperial promette-nos para a semana que começa depois da amanhã a grande magia *As tres rocas de crystal*. O diacho é a Pepa, uma rapariga graciosa e de talento, ter cahido... doente. Não lhe perdoamos esta falta.

Cahir doente! ? Ora isso na verdade não é digno de uma actriz, distincta e talentosa... Levante-se, D. Pepa, porque a senhora é fuso d'essas tres rocas, e deve saber que não ha rocas sem fuso...

P. TALMA.

## FACTOS E NOTICIAS

## EMILIO ROUÉDE

Acaba de nos dar uma nova mariinha. Ligeira, graciosa, facil e, como todos os trabalhos do Rouéde, impregnada desse perfume de verdade que é o melhor ornamento de seus quadros.

A mariinha representa a Ponta do Cajú e a Ilha dos Ferreiros; é uma bella combinação de planos que se casam maravilhosamente e perdem-se de vista, até o ultimo tocar no horisonte que se esbate, ao fundo, num pittoresco deslumbramento de cores sideraes.

O quadro foi vendido pouco depois de ter sido exposto. Parabens ao Rouéde e ao publico; a este principalmente.

Partio para Friburgo, onde se vai demorar algum tempo, o Sr. Joaquim Lacerda, um dos bons amigos d'*A Semana*. Saude e... regresso breve.

Sob a direcção da distinctissima escriptora portugueza a Exma. Sra. D. Albertina Parizo, acaba de apparecer no Porto o *Almanach das Senhoras Portuenses* para o corrente anno.

De leitura amena e variada, é este almanach um dos melhores que nos tem vindo de além-mar. Encontram-se nelle numerosos e escolhidissimos trabalhos em prosa e verso, firmados por escriptoras e escriptores de reconhecido merito.

Agradecemos á sua distinctissima directora a delicadeza e expontaneidade da offerta do exemplar que recebemos e desejamos ao seu almanach dilatada e prosperrima existencia.

## FALLECIMENTOS

Falleceu e foi sepultado ante-hontem o Sr. Henrique Dias da Cruz, empregado na redacção da *Gazeta da Tarde* desde os seus primeiros tempos. Era um moço intelligente e de uma pasmosa actividade.

Nossos pezames á sua desolada familia.

Falleceu em dias da semana transacta a Exma. esposa do Sr. Dr. Sylvio Romero. Ao conhecido escriptor as condolencias d'A Semana.

Está de luto o nosso companheiro de trabalho, Arthur Mendes, pelo fallecimento de sua tia, D. Maria Clara Corréa Mascarenhas. Ao nosso companheiro e á familia da finada—sinceros pezames.

## RECEBEMOS

—A *Estação*, n. 2, do 15º anno. Em figurinos, moldes, gravuras e tudo quanto afiz respeito a um jornal de modas, não é a *Estação* inferior aos seus congéneres europeus; prova-o a cada numero que publica.

No supplemento litterario d'este que temos á vista, fulguram os nomes de Machado de Assis, Alberto de Oliveira e Eloy, o heróe, que assigna uma espirituosa chroniqueta.

—*Revista Illustrada*, no. 426—Além das cousas da actualidade que illustram as paginas primeira e ultima, traz este numero, na pagina central com bons desenhos e muito espirito a continuacão da *Influencia do balão Julio Cezar sobre os destinos politicos do paiz*.

Texto muito bem escripto e scintillante.

—*Relatorio da companhia da E. de Ferro do Rio das Flores*, apresentado pela sua directoria á assembléa geral dos accionistas.

—Do Sr. José de Mello o fasc. n. — *do O Cadastro da Policia*.

—A *Distraçáo* n. 69.

—O *Cherubim* n. 21—Interessante.

—*Revista de Eugenharia*—n. 130.

—*Cancões da aurora*—Poesias do Sr. Francisco Lins. Vid. *Poesia e poetas*.

—O *Ensaio* n. 1—Periodico litterario e scientifico do Lyceu de S. Christovão. nosso colleguinha diz: *O Ensaio, como todos os seres contingentes, terá de lutar pela existencia: é lei fatal; esperamos por em que a sua vida se prolongue...*

Perfeitamente; é este o nosso maior desejo.

—*Volunté e tres*—n. 4—Organ do gremio litterario Victor Hugo. Muito bom.

—*Sergipe Agradecido*. É esse o titulo de uma folha especial, publicada em Aracajú a 17 de Janeiro, em homenagem ao capitão Joaquim Alonso Moreira de Almida.

—*L'Avenir du Brésil* n. 5.

—*Almanak das Senhoras Portuenses* para 1886. Foi-nos delicadamente remittido por sua Directora D. Albertina Parizo, distinctissima escriptora portugueza.

—A *Semana* n. 4. (Porto) Esta nossa homonyma collega de além-mar vem d'esta vez scintillante e variada. Traz bons versos e boa prosa.

## ANNUNCIOS

O advogado Dr. Valentim Magalhães, é encontrado todos os dias, das 10 horas da manhã ás 4 da tarde, no seu escriptorio, Travessa do Ouvidor, 36.

Portuguez, francez e Inglez —Professor Rodolpho Porciuncula. Recados nesta folha.

Dr. Henrique de Sá, especialista de syphilis e molestias das crianças.—Rua Primeiro de Março, 22 (consultas do meio-dia ás 2 horas)—Residencia: Rua de S. Clemente, 165 A.

Dr. Cyro de Azevedo.—Advogado. Das 10 ás 4 horas.—Becco das Cancellas n. 2.

## QUEM QUER RIR-SE?

COMPREM O

## BIBLIHOTEIRO FAMILIAR

DE

A. XAVIER DE ASSIS

A' venda em todas as livrarias a 1\$000

## CHRONICA FRANCO-BRAZILEIRA

PUBLICAÇÃO QUINZENAL  
EM PARIZ.REDACTOR—CHEFE: Lopes Trovão.  
ADMINISTRADOR: F. Castellí.

ASSIGNATURAS PARA O BRAZIL

Um anno. : 10\$000  
Seis mezes : 6\$000

Tomam-se assignaturas e annuncios no escriptorio d'A SEMANA.

## TYPOGRAPHIA

A typographia d'A SEMANA, ultimamente montada, dispondo de uma boa escolha de typo inteiramente novo, aceita quaesquer encomendas de obras, poesias, annuncios, etc. etc.

## PREÇOS BARATISSIMOS

TRATA-SE NO ESCRIPTORIO DA EMPREZA

36 Travessa do Ouvidor 36

Esquina da rua do Ouvidor

## Externato Bethencourt da Silva

DIRIGIDO POR

LUIZ M. DE SOUZA RAPOSO

E

H. VIEIRA DE CASTRO

Cursos diurnos de preparatorios; cursos nocturnos especialmente para o commercio.

Preparação para exames na Instrucção Publica.

RUA D'AJUDA N. 27

DE  
CERVEJAE  
AGUAS MINERAESDE  
AUG. KREMER & C.

Membros da Academia manufacturera de Pariz e premiados pela mesma com a medalha de prata. Premiados com a medalha de prata na Exposição Agricola, com a medalha de bronze na Continental de Buenos-Ayres, com o diploma de merito na Industrial de 1881 com o diploma de progresso na Sciencia de 1881.

## Juiz de Fora

TEM SEMPRE

GRANDE SORTIMENTO

DE

CERVEJA

DUPLA, BRANCA, PRETA

Igualada á ingleza

E

MARCA BARBANTE

QUE VENDEM POR

ATACADO E A VAREJO

LIMONADAS GAZOZAS

AGUA DE SELTERS

EM BOTTJAS

VINHO DO PORTO

BORDEAUX

COGNAC, LARANGINHAK, BONENCENCIA

Vermouth, Genebra, Bitter  
e Kummel.

Vendem todos os artigos concernentes a fabrica de cerveja.

SEU UNICO DEPOSITARIO NA CORTE

JOÃO BOTELHO

Rua de S. Francisco de Assis n. 52

(Antiga da Carioca)

**JUVENATO OURO-FINENSE**

INSTRUÇÃO PRIMARIA E SECUNDARIA

NA

Provincia de Minas

A CINCOENTA E QUATRO KILOMETROS DA  
PENHA DE MOGY-MIRIM, DE S. PAULOEnsino pratico das linguas, intuitivo  
das sciencias.Preparo das faculdades pelas (LIÇÕES  
DE COUSAS).

Anno lectivo de 10 mezes.

A matricula em qualquer epoca; só é  
pagavel o tempo da frequencia de cada  
alumno.O 2º anno lectivo começa a 3 de  
Novembro proximo.Ouro-Fino, Minas, 19 de Outubro  
de 1885.O DIRECTOR.-- Antonio Francisco Fur-  
tado de Mendonça Filho.**OBRA S**à venda no escriptorio desta  
folha:

DE VALENTIM MAGALHÃES

**QUADROS E CONTOS**

por 2\$000.

**COLOMBO E NENÉ**

poemeto, 1\$000.

DO MESMO E FILINTO D'ALMEIDA:

**O GRAN GALEOTO**

tradução do drama de Echegaray, 1\$000.

DE ALFREDO DE SOUZA

**AURORAS**

versos, 2\$000.

DE L. MURAT:

**QUATRO POEMAS**

versos, 1\$500.

DE AMERICO LOBO:

**EVANGELINA**tradução do poema de Longfellow,  
2\$000.

DE PEDRO AMERICO

**Holocausto**

romance, 2\$500

**COLLEGIO NEVES**

Instrução Primaria e Secundaria

Estabelecido em vasto predio, com  
grande chacara, offerece as melhores  
condições hygienicas.Recebe internos, externos, e meio pen-  
sionistas.Leccionam habéis e zelosos profes-  
sores.

Rua Barão de S. Felix n. 98

**DR. F PESSANHA**

CLINICA MEDICA

CHAMADOS A QUALQUER HORA

Consultorio e residencia

28 Qua da Alfandega 28

RECADOS—QUITANDA 86

**F. L. STRONC**

CIRURGIÃO DENTISTA

RUA SETE DE SETEMBRO, 51

**DR. GONZAGA FILHO**

CONSULTORIO E RESIDENCIA

Rua Visconde de Inhaúma, 61

CONSULTAS DE 12 ÀS 3 DA TARDE

Especialidades:

Febres em geral, molestias pulmonares  
e do coração.**COLLEGIO INTERNACIONAL**

DIRIGIDO POR

**E. GAMBÁRO**

PALACETE DO CURVELLO

Santa Thereza

Pode ser visitado a qualquer  
hora. Estatutos em todas as livra-  
rias e na estação do Plano Incl-  
nado.

Instrução Primaria e Secundaria

PIANO E CANTO

D. Maria José de Albuquerque Camara

Tem ainda algumas horas disponiveis  
para o ensino d'aquellas materias.

RECADOS NESTE ESCRIPTORIO

**O COLLEGIO PUJOL**

ESTAÇÃO DOS MENDES

(E. F. D. PEDRO II)

reabre-se a 10 de Janeiro de 1886, en-  
trando no 17º anno de sua existencia.Curso completo de preparatorios e  
especial de noções de sciencias, physi-  
cas e naturaes.Nota.— Não admitte alumnos maio-  
ros de 15 annos.Os estatutos encontram-se na livraria  
Faro & Nunes e no escriptorio desta  
folha.**DR. ARAUJO FILHO**  
MEDICO PARTEIRO

RESIDENCIA

Rua do Visconde do Rio Branco n. 36

**MOLESTIAS DA PELLE E SYPHILIS**

ESPECIALISTA

**DR. SILVA ARAÚJO**

RUA DA URUGUAYANA, 57

de 12 ás 3 horas da tarde

**A PROVINCIA DO ESPIRITO SANTO**FOLHA DIARIA, CONSAGRADA AOS IN-  
TERESSES PROVINCIAES

Redactores:

**Moniz Freire e Cleto Nunes**

Tiragem 1500 exemplares

Assigna-se a 12\$000 por anno (sem  
selo) e 15\$000 com selo.Por sua elevada circulação, até agora  
não attingida no Espirito-Santo por  
outro qualquer jornal, *A Provincia* re-  
commenda-se á preferencia dos Srs. ne-  
gociantes, industriaes, etc., para inser-  
ção de annuncios, reclames, avisos, etc.

Correspondente em Paris

PARA ANNUNCIOS E RECLAMES  
O Sr. Alberto Lorette—Rua de  
Ste. Anne, 51 bis. No Rio de Janeiro  
Dr. Deolindo Maciel, rua da Alfandega  
n. 155 (2º andar) e B. T. Magalhães Bas-  
tos, rua do Rosario 125.

EScriptorio DA REDACÇÃO:

Rua do Commercio 31 (1º andar)

VICTORIA

**Collegio Universitario Fluminense**

NO FIM DA RUA DO BARÃO DE ITAPAGIPE

(Antiga da Bella Vista)

No alto do Engenho Velho, logar onde  
nunca houve epidemia de especie al-  
guma, funciona em edificio e com de-  
pendencias expressamente construido e  
para o fim a que se destina.Deseja a visita dos interessados em  
nacionaes como estrangeiros, e iortas  
ou do interior.Remettem-se prospectos para a pelotora  
quem os solicitar á dia reo cr, r